

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

SUELEN CREPALDI GASPAR

**DO CATA-VENTO AO BUMERANGUE:
O PROCESSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO**

CRICIÚMA

2018

SUELEN CREPALDI GASPAR

**DO CATA-VENTO AO BUMERANGUE:
O PROCESSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

CRICIÚMA

2018

SUELEN CREPALDI GASPAR

**DO CATA-VENTO AO BUMERANGUE:
O PROCESSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 30 de novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Silemar Maria de Medeiros da Silva. - Mestre em Educação (UNESC) -
Orientadora

Prof.^a Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais– (UNESC)

Prof.^a. Amalhene Baesso Reddig - Mestre em Educação (UNESC)

**Dedico este trabalho aos meus pais e a
minha maravilhosa orientadora Silemar
Maria de Medeiros da Silva, por
acreditar em minha pesquisa.**

AGRADECIMENTOS

Em determinados momentos de nossas vidas, percebemos melhor importância, de quem está ao nosso lado. Primeiramente eu agradeço a Deus, por me dar forças para chegar até aqui depois de todas as dificuldades. Aos meus pais, por me ajudarem sempre no que eu precisei, por me dar muito carinho e amor.

Aos meus amigos, que me compreenderam quando eu não podia sair com eles, por conta da pesquisa, e por eles sempre me convidarem para sair e esquecer todos os problemas e dificuldades que eu estava encontrando no caminho.

Agradeço a minha orientadora Silemar, por me ajudar, mesmo tendo vários outros alunos para orientar, agradeço a ela, por ter essa confiança.

“A arte existe porque a vida não basta.”

Ferreira Gullar

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Do cata-vento ao Bumerangue: o processo poético de uma artista em construção” insere-se na linha de pesquisa de Processos e Poéticos do curso de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC. Trata-se de uma pesquisa em arte, de natureza básica, com características da pesquisa bibliográfica, narrativa e autobiográfica, tendo como questão norteadora: como materializar artisticamente a relação tempo, memória de uma artista em construção, a partir dos critérios que sustentam a arte contemporânea. Para tanto, apresenta a problemática: **De um cata-vento ao bumerangue: Quais as possibilidades de materializar artisticamente o tempo e a memória de uma artista em construção?** Para tanto, as reflexões teóricas acontecem a partir das contribuições de Quintana (1997), Clandinin (2011), Canton (2011), Cavalcant I (2018), Cauquelin (2005), Pareyson (1997). Trago também as obras de Saldavor Dali, Marcel Duchamp, Najla El Zein, cenas do Filme Alice no país das maravilhas e Alice através do espelho, Maria Rosa Figueiredo e Oscar Munõz para fazer referência ao processo poético. A relevância deste desafio é estreitar a relação entre arte e vida, que é do que falamos o tempo todo.

Palavras-chave: tempo, memória, arte, percurso metafórico e artista.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Cata-vento (2013).....	11
Imagem 2 - Marcel Duchamp, “Fonte” 1917/64.....	16
Imagem 3 - The Wind Portal 2013 (museu V&A em Londres).....;	20
Imagem 4 - A Persistência da Memória (Salvador Dali 1934).....	24
Imagem 5 – Cena do filme: Alice no país das maravilhas.....	25
Imagem 6 – Cena do Filme Alice através do espelho.....	28
Imagem 7 - Imagem 7 – Exposição “Do outro lado do espelho”	29
Imagem 8 - Sra. Russell e Filho, de George Romney 1786-1787.....	30
Imagem 9 - Simon Vouet (Paris, 1590 – Paris, 1649) Alegoria da Prudência.....	31
Imagem 10 – Ambrose McEvoy (Wiltshire, 1878 – Londres, 1927). O Brinco.....	32
Imagem 11 – Eduardo Luiz (Braga, 1932 – Paris, 1988). A Mão de Alice.....	33
Imagem 12 – Daniel Blaufuks (Lisboa, 1963). Mão com Espelho.....	34
Imagem 13 – Aliento	34
Imagem 14 – Fragmento do Aliento.....	35
Imagem 15 – Bumerangue.....	36
Imagem 16 – Reflexo (2018).....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas
UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

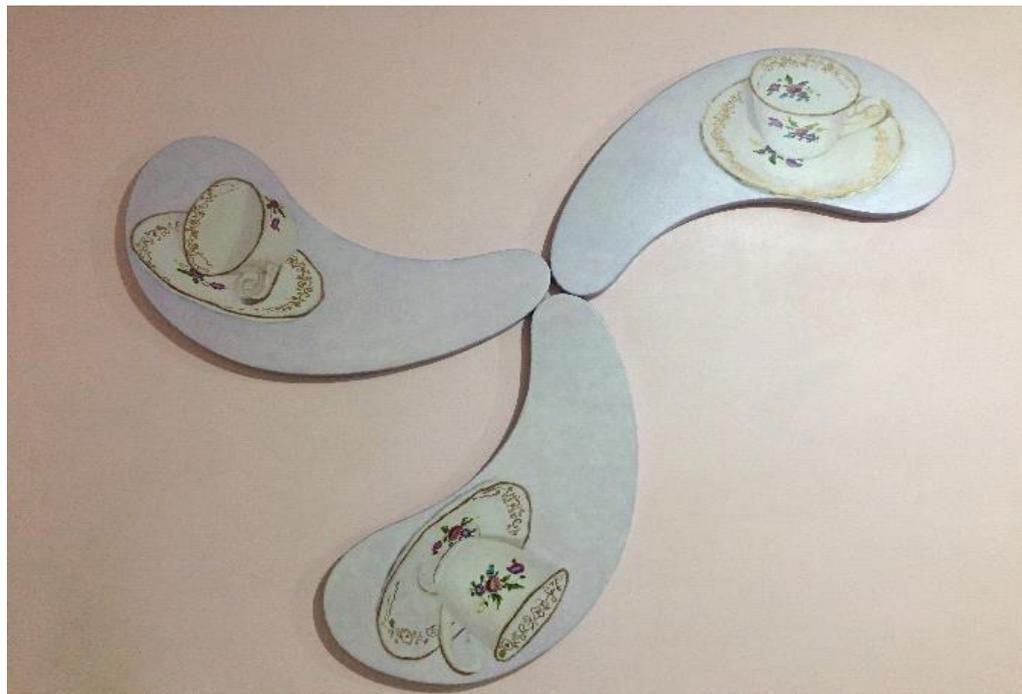
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 METODOLOGIA.	13
2 ARTE E SOCIEDADE.....	16
2.1 ARTE NA CONTEMPORANEIDADE.....	16
2.2 ARTE E RUPTURA: quando o vento passa por aqui.....	19
3 TEMPO E MEMÓRIA: DIALOGO COM A ARTE	23
4 DO CATA-VENTO AO BUMERANGUE: UM PROCESSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO.....	28
4.1 O PERCURSO POÉTICO	36
5 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Desde a infância quando visitava a casa dos "nonos", ficava irradiante com suas louças de porcelanas. Num certo tempo, a nona dividiu suas louças com as filhas e minha mãe trouxe para casa algumas xícaras de porcelanas. Quando iniciei o curso em Artes visuais bacharelado em 2010, e logo em seguida a nona faleceu. Alguns semestres depois, tive aula de pintura e pesquisa com a professora Marlene Justi, e deveríamos retratar uma memória do passado. Vendo as xícaras da minha mãe, quis reviver esse tempo e memória que tivemos com ela, então pintei um quadro com essas xícaras (imagem1). Fiz o quadro em forma de cata-vento, para retratar o tempo.

Imagem 1 – Cata-vento (2013)



Fonte: Acervo da pesquisadora

Em 2014 me afasto do curso de Artes Visuais, quando retornei para concluí-lo, nesse semestre, com o trabalho de conclusão de curso. Ainda não tinha ideia por onde caminhar na pesquisa, então conversei com a professora orientadora, ela pediu para enviar um e-mail contando sobre minhas possíveis intenções de pesquisa. Quando cheguei em casa, não fazia ideia do que escrever. No outro dia pela manhã ao sentar na mesa para tomar café antes de ir trabalhar, olhei para o

quadro que tinha feito na aula da Professora Marlene, e pensei que ele mais parecia um bumerangue do que um cata-vento. Nessa direção, fui imaginando o percurso de uma artista em construção e resolvi trazer essa temática como uma proposta de pesquisa, ou seja: porque não retomar essa poética? Assim fiz. Bati foto e mandei para a orientadora. Ali iniciamos este desafio.

Baseada nessa questão apresentada, surgiu o seguinte problema: **De um cata-vento ao bumerangue: Quais as possibilidades de materializar artisticamente o tempo e a memória de uma artista em construção?**

De onde surge a ideia de bumerangue? Quando falo em cata-vento, remeto-me a questão do tempo como algo que gira. Esse movimento circular me remete ao tempo que passa, que gira e que dá voltas. As xícaras que passaram de geração em geração são como esse movimento do cata-vento. Caminhar deste cata-vento ao bumerangue é como lançar um desafio que percorre um espaço e retorna para as mãos de quem o arremessa: a artista em construção.

A produção artística que se materializa nesta pesquisa, é a possibilidade que ela dá: o tempo, mas não como uma perspectiva e sim como movimento. Através da memória, que tenho da minha infância, amplio um olhar poético para esse tempo, e materializo artisticamente esse percurso.

No sentido de contemplar os desafios desta pesquisa, a mesma está estruturada em quatro capítulos. Inicialmente com o capítulo da 'introdução', é onde abordo as questões da trajetória de vida ligadas às razões desta pesquisa. No subtítulo chamado 'metodologia', evidencio o percurso da pesquisa, a partir do diálogo entre os autores Minayou (1994), Facchin (2005) e Clandinin e Connely (2000).

O segundo capítulo 'arte e sociedade', o diálogo teórico acontece a partir de Azevedo (2007). Um capítulo que demonstra, que dès dos primatas eles já faziam arte. E no subtítulo é contemplado uma relação com a arte contemporânea, tendo um diálogo teórico com os artistas Cocchiaralle (2006), Cauquelin (2005), Marcel Duchamp e Crispolti (2004). E falando sobre ruptura, trago um diálogo teórico com Mario Quintana (1997), Cavalquanti (2009), Pareyson (1997) e Najla el Zein.

Já no terceiro capítulo 'tempo e memória: dialogo com a arte' discorro sobre essa relação que se faz a partir da arte, tempo e memória, e é em Canton (2009), Dantas (2010), Salles (2009), Bosi (2001), Salvador Dali, Cena do filme

“Alice no país das maravilhas”, Bobbio (1997) e Quintana (1990) que o diálogo teórico se faz.

No quarto capítulo ‘do cata-vento ao bumerangue: um processo poético de uma artista em construção’ é feita uma análise sobre o percurso da artista em formação, onde trago os artista Maria Rosa Figueiredo, Oscar Muñoz e o James Bobbin (2016). No subcapítulo é onde trago informações sobre a obra realizada para a pesquisa.

No quinto capítulo “conclusão”, exponho as considerações finais da pesquisa.

1.1 METODOLOGIA.

Retomo às palavras-chave desta pesquisa, quais sejam: tempo, memória, arte e artista em construção, e a partir delas, faço um levantamento bibliográfico, com o objetivo de ampliar conhecimentos relacionados ao tema aqui proposto. A pesquisa bibliográfica é necessária, pois trará referências teóricas que atenderão as exigências da academia. Com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

A pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como finalidade fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e proporcionar a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa. (FACHIN, 2003, p.125)

Trata-se de uma pesquisa que também se insere na pesquisa exploratória objetivando uma maior intimidade com o problema, tornando-o mais explícito. Segundo Minayo (1994, p. 32):

Formalmente a fase exploratória termina quando o pesquisador define seu objeto de pesquisa, construiu o marco teórico conceitual a ser empregado, definiu os instrumentos de coleta de dados, escolheu o espaço e o grupo de pesquisa, definiu a amostragem e estabeleceu estratégias para entrada no campo. Daí conclui-se que não é possível determinar com tanto rigor seu término. Contudo, é imprescindível que o pesquisador programe o final desta etapa, incluindo num cronograma.

Enquanto vou aprofundando conhecimentos e encontrando essa interconexão entre tempo, memória, arte e artista em construção realiza a produção artística/poética para fortalecer esse vínculo. Trata-se também de uma pesquisa narrativa e autobiográfica, usando diversas fontes, tais como: fotos, documentos, histórias orais, caixas de memórias, histórias de vidas.

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

Clandinin e Connely (2011, p.20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo.

A autobiografia é sempre uma representação, um recontar da narrativa de uma determinada pessoa. Para Clandinin e Connelly “existe uma linha muito sutil entre a escrita autobiográfica utilizada como textos de campo e a escrita utilizada como textos de pesquisa” (2011, p.144), portanto a escrita autobiografia pode ser utilizada de diferentes formas, esses textos de campo passam a ter um papel fundamental, pois eles trazem as memórias, elemento fundamental para pesquisas.

A relação entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, muitas vezes, necessita de negociação, “os relacionamentos precisam ser trabalhados” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 110). Assim o pesquisador deva ter flexibilidade em reavaliar o decorrer da conversa, pois pode haver contribuições que apontam para novos caminhos.

Nesta direção proponho percorrer territórios que permitam trazer o percurso de minha construção como artista, esses territórios chamados de arte e de cultura contemplam entrevistas com pessoas que fazem parte de minha história de vida, assim como buscar um diálogo mais estreito com objetos que saem de sua função cotidiana. Ampliar um olhar sobre a arte contemporânea nesse percurso é

também um desafio que toma como fio condutor um percurso metafórico entre o cata-vento e o bumerangue.

2 ARTE E SOCIEDADE

A arte sempre foi alvo de especulações e mal compreendida por aqueles que não entendem, ou que não querem entender. Se compararmos as obras do passado, com as obras da contemporaneidade, podemos entender um pouco o porquê de a sociedade, muitas vezes, não aceitar ainda alguns novos conceitos de arte. Temos que entender que assim como tudo, a arte também passou por suas mudanças no decorrer dos anos, e muitas vezes nos limitamos apenas com aquilo que nos agrada, com um estilo de arte que temos mais afinidade, porém precisamos ampliar olhares sobre ela.

A arte é uma das primeiras manifestações da humanidade como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas (pinturas nas cavernas, templos religiosos, roupas e filmes etc.), que representam sua vivência no mundo comunicando e expressando suas ideias, sentimentos e sensações para outros. (AZEVEDO, 2007, p. 6)

Partindo deste princípio, a arte existe, entre outras funções, para ajudar a explicar e a descrever a história, para expressar ideias e sentimentos. O artista cria suas obras a partir de suas experiências e emoções vividas num determinado momento de sua vida. A relação arte e vida acontecem desde que o primata resolveu marcar as pedras com seu grafite e deixou a sua marca como um registro de sua relação com o mundo, antecipando, inclusive a ideia de sociedade. Ainda que ele mesmo não sabia que estava produzindo arte. O homem quando se comunicou formou grupos, a arte foi um canal para esta comunicação. Mas o que dizer da arte contemporânea?

2.1 ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

A arte contemporânea se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista. Os artistas nem sempre tiveram total liberdade diante de suas criações. Ela utiliza vários estilos de técnicas e materiais, conceitos e atitudes, e a partir do século XX esses diferentes estilos foram cada vez mais adotados pelos artistas.

A arte contemporânea esparramou-se para além do campo especializado, construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. (COCCHIARALLE, 2006, p. 16)

O modernismo trouxe uma nova forma de ver e expressar o mundo, rompendo com o passado e o presente, em busca do novo sempre, mudando a forma de como representá-lo, surgindo novo conceito de arte. Foi um caminho para a arte contemporânea, pois a antecedeu.

A obra de Marcel Duchamp se fez como um divisor de águas, pois ele foi um dos primeiros artistas a utilizar objetos industrializados para fins artísticos, que ele deu o nome de *ready made*¹. Como exemplo a obra a “Fonte” (imagem 2), um urinol de banheiro público, de produção industrial.

Imagem 2 - Marcel Duchamp, “Fonte” 1917/64



Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/fonte-marcel-duchamp/>

Acesso em: 17 set. 2018

¹ artefato comum tirado de seu contexto e exibido como objeto de arte.

O que pensar sobre um urinol exposto em um museu? Quando isso acontece em 1917? Cauquelin (2005, p. 98) argumenta que [...] “o observador faz parte do sistema que observa; ao observar, ele produz as condições de sua observação e transforma o objeto observado”. Assim, ao observar as obras de Duchamp, podemos perceber a desconstrução que o mesmo faz, reconstruindo novos olhares para objetos que antes não teriam o valor enquanto obra de arte e que colocadas para apreciação, nos revelam outros caminhos que a arte pode percorrer, um olhar para o mundo de outra forma.

Duchamp desafiou o que seria arte, através de suas obras, propondo um novo método para realização de seus trabalhos, não precisando do artista para fazer a obra, mas sendo ele a escolher o objeto que transforma em obra. Cauquelin (2005) defende Duchamp, dizendo que ele é de fato uma influência sobre a arte contemporânea, não por causa do conteúdo estético de sua obra, mas sim pela maneira que ele encarava a relação de seu trabalho e sua divulgação, correspondendo assim as suas expectativas.

Apreciar a arte contemporânea é muito curioso e desafiador. É preciso se livrar do preconceito, e estar disponível para novos conceitos. É necessário ir a fundo na criação, mergulhar, sair do convencional, ultrapassar as camadas e buscar compreender para além do objeto, da tinta, do traço. É preciso livrar-se desse valor econômico que vem agregado à obra. Como nos diz Cauquelin (2005, p.13) “Uma das características mais aparentes da relação que o público mantém com a arte contemporânea é a questão, sempre levantada, de seu valor econômico, de seu preço”. Isso faz com que o público não tenha clareza para apreciar a criação artística, assim, para além desse sistema de consumo.

Conforme Crispolti (2004, p.28) “o estudo da arte contemporânea não é na sua essência, diferente do estudo da arte do passado”, ele ainda afirma que “a arte contemporânea deve ser estudada com o mesmo empenho historiográfico que merece a arte do passado”, (ibdem, 2004 p.32). Nessa direção, reafirmo que a arte contemporânea deve ser estudada com a mesma seriedade que a arte do passado. Assim, a artista, traz seu olhar para o passado e no contemporâneo, podendo ser grande provedor de identidade e memória que passa de geração em geração.

2.2 ARTE E RUPTURA: QUANDO O VENTO PASSA POR AQUI.

Um vento forte me cativou, me levou para diversos caminhos. Trouxe-me a arte, me trouxe um tempo em que fui fazer o curso de Gestão Financeira. O vento forte me devolveu a oportunidade de concluir o curso de artes. A ruptura que temos em nossos caminhos fortalecem nossos passos. Mario Quintana escreve sobre uma Primavera, contemplando a força de um cata-vento louco que nos instiga a dançar a vida, porque por nós passa um vento, um vento cata-vento.

Canção da Primavera

(Para Érico Veríssimo)

Primavera cruza o rio
Cruza o sonho que tu sonhas.
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Catavento enloqueceu,
Ficou girando, girando.
Em torno do catavento
Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,
Amadas, Mortos, Amigos,
Dancemos todos até

Não mais saber-se o motivo...
Até que as paineiras tenham
Por sobre os muros florido!

Mario Quintana (1997, p.24)

A poesia tem sua origem na antiguidade com a cultura grega aonde ela tinha ligação com a música e eram inseparáveis, sendo que a poesia era declamada através de canto (CAVALCANTI, 2009). Quando penso na possibilidade de um percurso poético, remeto-me à arte e as rupturas que marcam sua história. Nessa direção vou pensando os processos pelos quais vou passando feito um vento que

enquanto passa faz com que eu me sinta artista. De acordo com Pareyson (1997, p. 11):

A poética é programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte.

Ainda para o autor, a poética exprime um determinado ideal de arte. Sabendo-se que a toda atividade artística é indispensável uma poética, explícita ou implícita, já que o artista pode passar sem um conceito de arte, mas não sem um ideal de arte.

Com o surgimento de novos gêneros artísticos, a arte passa por transformação, evidenciando que não se trata do fim da manifestação artística, “palavras para a poesia, sons para a música, cores para a pintura, mármore para a escultura, pedras para a arquitetura, corpos para a dança, e assim por diante” (PAREYSON, 1997, p. 157). Poderíamos pensar em ventos, cata-ventos, bumerangues como elementos de uma poesia que conta de uma artista em construção. Em um processo de ir e vir que traz na figura de um espelho seus desejos de se compreender enquanto artista, enquanto alguém que poeticamente construí ou reconstrói sua estética, sua poética, seu percurso nesse mar de possibilidade que a arte vai nos propiciando. Nessa direção, remeto-me à GOULLAR “A arte existe porque a vida não basta”.

Na visão de Pareyson (1997) a arte contém a vida de onde emerge. Dessa forma a expressão artística abrange o mundo do artista: modo de pensar, viver, sentir, concepção do mundo, posicionamento frente à vida, ideias, aspirações, experiências, escolhas, crenças, em suma: toda a sua espiritualidade.

Nesse percurso, nos inspiramos pela própria arte. Acontece como imã. Temos inquietações. Trago o artista Najla el Zein² que na sua instalação (imagem 3) usou milhares de cata-ventos de papel. Cada um foi dobrado manualmente e preso a tubos plásticos em um portão de 8 metros de altura, que deu o nome de The Wind Portal (O portal do vento). O poético portal do vento.

² Nasceu em Beirute em 1983, onde trabalha e vive até hoje.

Imagem 3 – Najla El Zein - The Wind Portal (museu V&A em Londres,2013)



Acesso em: <http://www.najlaelzein.com/works/the-wind-portal> - Acessado em 03 de nov.2018

Para o artista *O Portal do Vento* simboliza a passagem entre dois ambientes. Ele materializa fronteiras abstratas enquanto cria um espaço sensorial interno. Seu corpo externo, um arco de oito metros de altura, serve como suporte a milhares de cata-vento de papel rotativos. Dentro de seu volume, encontra-se um sistema de vento integrado, projetado e programado que dá vida ao movimento, leveza, memórias, inspiração e imaginação.

Esse contraste arquitetônico entre exterior e interior, palpável e impalpável, amplifica a passagem enquanto materializa sua transição sensorial. Que tempo é esse que o vento nos traz?

O vento e eu

O vento morria de tédio

Porque apenas gostava de cantar
Mas não tinha letra alguma para a sua própria voz,
Cada vez mais vazia...
Tentei então compor-lhe uma canção
Tão comprida como a minha vida
E com aventuras espantosas que eu inventava de súbito,
Como aquela em que menino eu fui roubado pelos ciganos
E fiquei vagando sem pátria, sem família, sem nada neste vasto mundo...
Mas o vento, por isso
Me julga agora como ele...
E me dedica um amor solidário, profundo!
(QUINTANA, 1990, p.73)

Que vento é esse que o tempo nos traz? O tempo me trouxe para um processo poético que caminha entre o catavento e o bumerangue, entre a arte e a vida, entre um conhecer-me ainda mais e melhor porque caminha comigo no pensamento, no encontro, nos encontros neste vasto mundo em que a memória nos inspira a continuar neste percurso metafórico de uma artista em construção.

3 TEMPO E MEMÓRIA: DIALOGO COM A ARTE

Tempo!
 Que tempo é esse?
 Tempo, tempo.
 Vento que traz.
 Tempo que leva!
 Tempo!
 (Suelen Crepaldi Gaspar)

O tempo é um movimento que tem características e ritmos, (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, sobre o presente e projeções sobre o futuro. Assim o olhar do artista no tempo e através do tempo, traz em si a marca da memória.

As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ao interpretar a história vivida, no processo de construção dessa pesquisa, a artista em construção volta seus olhos para o vivido, reinterpretando-o.

Os interesses dos artistas contemporâneos em trabalhar a memória consiste em um ato de resistência à tendência a um estado de quase amnesia decorrente da rapidez da vida cotidiana atual. A arte contemporânea, ao evocar a memória em suas possibilidades multifacetadas, propõem um “tempo fora do tempo”. (CANTON, 2011, P.57)

Tempo e memória caminham juntos. A relação acontece, por exemplo, quando se veem as lembranças, ou se realizam pesquisas sobre a vida cotidiana (passado e presente), atividades culturais etc. Sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do passado. Sem qualquer previsibilidade do que virá a ser. Segundo Canton:

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso. Retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento. (2011, p.20)

A memória assim como a arte, estão situadas entre o campo da vivência e da experiência, a partir dos seus testemunhos e narrativas. A memória e a arte estão nessa encruzilhada de identidade e se transforma em objetos da cultura permanente nas sociedades.

Uma das funções mais importantes da memória é ser fonte de respostas às questões que intrigam o ser humano - a sua origem, identidade e a sua posição e papel no mundo - por isso é muito significativo que Mnemosine esteja ligada à faculdade da orientação e da desorientação no tempo e no espaço. (DANTAS, 2000, p.34)

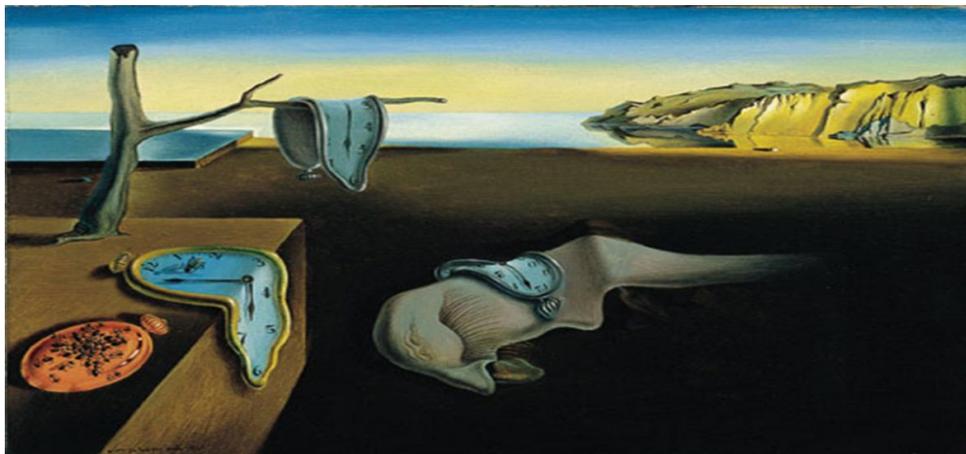
Através do olhar da artista, suas narrativas, evocam o tempo e a memória, tratando dos fragmentos que obteve ao longo dessa jornada. A memória ressignifica o presente e nos permite pensar diferentes novos caminhos. Quando começamos a lembrar de coisas que já vivemos, lembrar do que já fizemos, do que deixamos de fazer, de como éramos, de quem conhecíamos, de como agíamos frente a certas situações, nos faz voltarmos para nós próprios. Isso nos faz lembrar de quem fomos e quem somos. Como afirma Bobbio ao citar que “Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade” (1997, p.30). É dessa memória que Salles vai escrever quando a relaciona com a vida do indivíduo, ao dizer que:

Supõe-se que os processos de memória se baseiam na ativação de certos contextos e não em fatos isolados, embora os fatos possam ser lembrados. É o caso de conteúdos de ordem afetiva e de estados de ânimo, alegria, tristeza, medo, que caracterizariam situações de vida do indivíduo. De um ponto de vista operacional à memória corresponderia uma retenção de dados já interligados em conteúdos vivenciais. (SALLES, 2009, p.19).

A memória é que se encarrega em nos tornar o que somos, ela que está presente desde a nossa infância, dando-nos nosso caráter, ela é que nos faz ser únicos, pois mesmo que dois indivíduos estiveram no mesmo lugar, olhando para o mesmo ponto, cada um terá a sua perspectiva e levará consigo a sua memória, e vai revivê-la ao seu modo. "Cada um de nós é o que é porque tem suas próprias memórias" (IZQUIERDO, 2004 apud FERNANDES; PARK, 2006, p. 40).

Falar de memória é falar de identidade. Remeto-me ao artista Salvador Dali que nessa obra (imagem 4) ele representa a persistência da memória. Na tela, estão representados três relógios moles que marcam diferentes horários. Ao fundo, está representada a paisagem de Porto Lligat, localizada no norte da Espanha e é uma referência à memória de infância do pintor. Segundo a interpretação de Dalí, o formato derretido dos relógios deriva da imagem de um queijo Camembert³, que ele observava enquanto pintava a tela. O artista retratou nessa obra, momentos que apenas ele viveu, que ele estava presente e pode levar consigo em sua memória, nesse mesmo dia em que ele pintava a sua tela, o mesmo poderia estar vivenciando outros momentos, mas que apenas ele vai lembrar, momentos bons ou ruins. Quem poderia imaginar que a imagem dos relógios derretendo seria a observação de um queijo, sabemos, pois, ele nos conta a sua experiência daquele momento, mas que pode haver muito mais por trás dessa obra. Nós apenas podemos apreciar sua obra e cada indivíduo levará consigo a sua interpretação.

Imagem 4 – Salvador Dali: A Persistência da Memória⁴ (1934).



Acessado em: <https://www.salvador-dali.org/en/artwork/catalogue-raisonne/1930-1939/265/the-persistence-of-memory> - Acessado em 08 de nov. 2018

Como afirma Bosi (2001, p. 53): "A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança."

³ Camembert ou camember é uma variedade de queijo de pasta mole, originária da região da Normandia, no Noroeste da França.

⁴ A pintura está localizada na coleção do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque desde 1934.

Não menos surreal é a obra clássica de Lewis Carroll sobre a história de 'Alice no país das maravilhas' (imagem 5) que fala de relógios. A história é sobre uma menina que adormeceu lendo um livro e que, acorda com ruídos de um coelho que vestia um colete e segurava um relógio, sempre dizendo que era tarde, como se estivesse atrasado para algum compromisso. Intrigada, Alice o segue, ao perceber que o coelho entra em túnel, a mesma o segue e acaba conhecendo um mundo de maravilhas com personagens exóticos. O futuro do coelho era definido por um presente desordenado, escravizado pelo tempo, sufocado pela rotina e pelos compromissos. O relógio do coelho definitivamente não era mole!

Imagem 5 – Alice no país das maravilhas



Disponível em: <https://wall.alphacoders.com/big.php?i=793757&lang=Polish> Acessado em 08/11/2018

O tempo real em que vivemos é rápido e fluido, fazendo com que esse tempo passe, vento que traz, tempo que leva, e nos deixe apenas com as memórias. Poderia aqui tratar dessa analogia do cata-vento e do bumerangue, desse vento que traz e que leva, desse círculo da resignificação enquanto algo que vai nos tornando quem somos, neste caso: uma artista em construção.

[...] afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos fatos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. (BOBBIO, 1997, p.30)

A memória nada mais é que vários acontecimentos interligados, que tornam as lembranças vivas, algo que proporciona inspiração. Do que você lembra quando fala sobre a infância? Que cheiro tem suas lembranças? Qual a cor de seus medos? Desde que nascemos vamos acumulando memórias ao longo dos tempos, acontecimentos que são marcantes vamos sempre recordar, mesmo sendo lembranças boas ou ruins, pois aquilo que marca nossa vida, ficará guardada em nossa memória, e isso é único de cada indivíduo. Bosi confirma dizendo que: “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 2001, p. 55). E a partir dessas memórias, que busco relação com a arte, evidenciando, assim, o processo poético de uma artista em construção.

Memória

Em nossa vida ainda ardem aqueles velhos, aqueles antigos lampiões de esquina

Cuja luz não é bem a deste mundo...

Porque, na poesia, o tempo não existe!

Ou acontece tudo ao mesmo tempo...

QUINTANA (1990, p.53)

4 DO CATA-VENTO AO BUMERANGUE: UM PROCESSO POÉTICO DE UMA ARTISTA EM CONSTRUÇÃO

Viver é estar em constante mudança. Como acadêmica do curso de Artes Visuais Bacharelado, essas mudanças acontecem com maior força na direção de nos fazermos artistas. Minhas memórias evidenciam o percurso pelos ateliês, os desafios que vivenciamos na construção de nosso percurso poético. Enfatizo a importância da memória, sem ela não poderíamos aprofundar nossos conhecimentos no passado, para além do próprio curso e trazer para o hoje, algo que meus antepassados viveram lá atrás. Sinto necessidade em retratar algo que fez parte da minha infância, trazendo as características de minha vivência cotidiana.

Falo de laços e princípios familiares que tento manter vivo e me fazem querer compreendê-los melhor. São alimentos para esse percurso da pesquisa que proponho, trazendo um caminho de muitos cuidados, buscando memórias que vão ganhando forma de uma produção artística. Retomando ao meu problema de pesquisa: De um cata-vento ao bumerangue: Quais as possibilidades de materializar artisticamente o tempo e a memória de uma artista em construção?

Logo me pego a pensar, como poderia materializar artisticamente o tempo e a memória numa obra? Através desta pesquisa pude perceber que passamos a maior parte do nosso tempo olhando para as memórias do passado, que se fletem.

No que diz respeito a espelhos, todos deveríamos ser como Alice (filme: *Alice Através do Espelho*, diretor: James Bobin, 2016) (imagem 6).

Na sua história, em um sonho, Alice acredita convictamente que um espelho não é só um objeto que cumpre uma determinada função, ser apenas uma superfície polida que reflete luz de forma eficiente, mas uma ponte para algo a mais, e portanto, faz de conta que o vidro é macio como gaze e passa agilmente através dele, descobrindo, outro mundo. Quero o espelho de Alice.

Imagem 6 –Alice através do espelho. (2016)



Acessado em: <https://morenabrancablog.wordpress.com/2016/06/01/o-que-eu-aprendi-comalice-atraves-do-espelho/> - Acesso em 03 de nov.2018

Será o reflexo por vezes mais verdadeiro que a própria realidade?

O tempo torna-se mais pessoal, relativo ao observador que o mede. Cada observador tem a sua própria medida de tempo que depende do local onde está e da maneira como está a mover-se.

O Museu Calouste Gulbenkian⁵ propõe-nos uma viagem ao universo de Alice, *do outro lado do espelho*, (imagem 7) ao mesmo tempo que nos desafia a uma reflexão acerca da nossa identidade, da imagem, ou consciência, do eu e das suas pluralidades, projetadas no espelho da nossa existência.

^d Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/> acesso em 03 de nov. 2018 - Localizado em Lisboa-Portugal

Imagem 7 – Exposição “Do outro lado do espelho” (2017)



Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/do-outro-lado-do-espelho/> Acesso em 03 de nov. 2018

Maria Rosa Figueiredo a artista dessa exposição, ao longo de sua carreira foi juntando um acervo de imagens relacionadas com o tema e definia o tema dos núcleos.

Conforme informações do museu⁶ o Outro Lado do Espelho é composto por cinco núcleos, que oferecem cinco diferentes olhares sobre este objeto: O Espelho Identitário: sobre a forma como vamos à nossa procura no reflexo e nós reconhecemos ao espelho, (imagem 8). Ele, o espelho, se faz estampado em muitas pinturas, (re)significando papéis.

⁶ Disponível em <https://amusearte.hypotheses.org/2087> Acesso em 03 de nov. 2018.

Imagem 8 - Sra. Russell e Filho, de George Romney 1786-1787



Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/do-outro-lado-do-espelho/> Acesso em 03 de nov. 2018

Na imagem de George Romney da Sra. Russell e Filho, podemos ver o rosto de uma criança que está de costas para o observador, ao mesmo tempo que se faz hipnotizada pela própria infância que representa. Sua cuidadora a exhibe para quem vê a obra enquanto a protege de uma possível queda.

Em uma outra direção, mas não menos importante, o Espelho Alegórico: sobre os vícios, virtudes, qualidades, artes e ciências que se têm representado através deste símbolo, apresenta-se na imagem de Simon Vouet, (imagem 9).

Imagem 9 - Simon Vouet (Paris, 1590 – Paris, 1649) Alegoria da Prudência

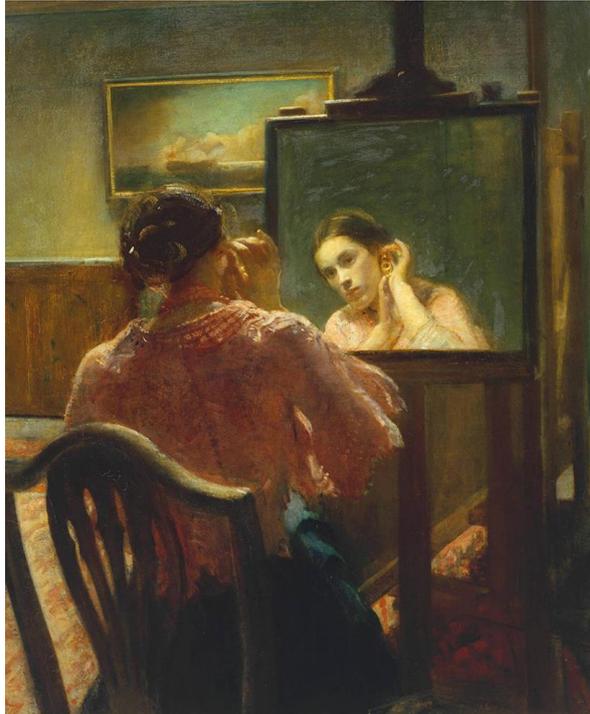


Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/do-outro-lado-do-espelho/> Acesso em 03 de nov. 2018

A encantadora mulher. Com sua vaidade denunciada pelo espelho que a representa. A Mulher em Frente ao Espelho: A Projeção do Desejo: sobre o espelho como elemento essencial da toilette⁷ feminina, faz-se como mais uma passagem deste objeto espelho que tem um papel importante que vai sendo, muitas vezes, modificado em diferentes tempos e lugares, (imagem 10).

⁷ Ação de se arranjar (lavar, pentear ou maquilhar) para sair publicamente.

Imagem 10 – Ambrose McEvoy (Wiltshire, 1878 – Londres, 1927). O Brinco



Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/do-outro-lado-do-espelho/> Acesso em 03 de nov. 2018

Espelhos que Revelam e Espelhos que Mentem: uma reflexão sobre a possibilidade de a imagem refletida no espelho nos trocar as voltas e não corresponder à realidade, é possível? (imagem 11).

Imagem 11 – Eduardo Luiz (Braga, 1932 – Paris, 1988). A Mão de Alice



Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/do-outro-lado-do-espelho/>

A mão de Alice de Eduardo Luiz: uma imagem que nos instiga a repensar esse papel do espelho que reflete.

E finalmente O Espelho Masculino de Daniel Blaufuks. O espelho funciona como um dispositivo tanto físico como psicológico, que fala da juventude e da velhice, da ilusão e da decepção, da verdade e do engano, (imagem 12).

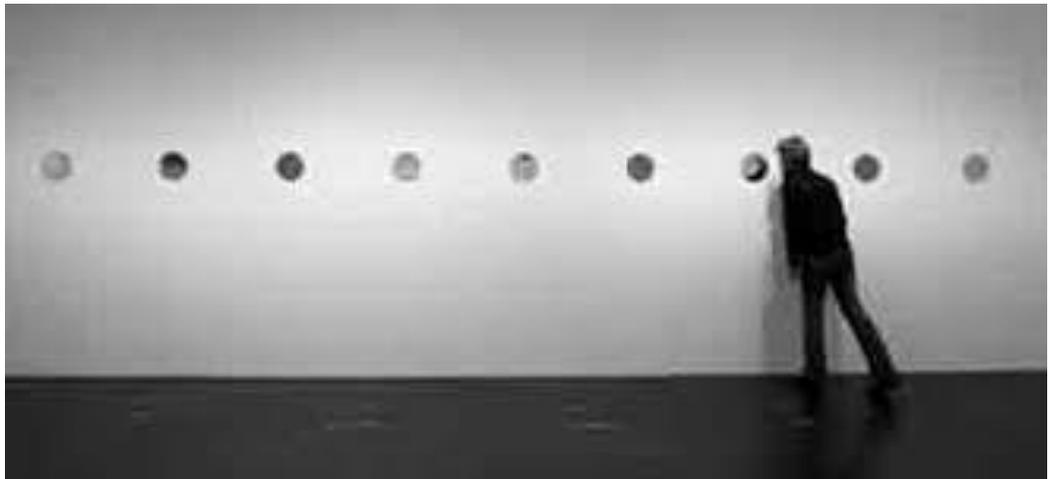
Imagem 12 – Daniel Blaufuks (Lisboa, 1963). Mão com Espelho



Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/do-outro-lado-do-espelho/>

Trago abaixo a obra do artista contemporâneo Oscar Muñoz⁸, (imagem 13) onde ele retrata o tempo, que através da respiração nos espelhos é possível, apenas por breves momentos temos consciência que o artista gravou outros rostos, que se fundem com o nosso, com muitas memórias.

Imagem 13 – Aliento



Óscar Muñoz, Aliento, 1995-2002. Pormenor da instalação, que possui nove espelhos circulares.

No detalhe da obra, (Imagem 7), podemos perceber a relação criada entre observador e obra. (imagem 14).

⁸ Nascido em 1951 é um artista colombiano.

Imagem 14 – Fragmento do Aliento



Oscar Muñoz, Aliento (parte), 1995-2002

Em meu processo metafórico encontro no cata-vento uma imagem que me remete ao bumerangue, ou vice-versa. Já não sei de qual desses dois objetos devo escrever primeiro. Já os vejo como o reflexo de um no outro. Talvez tenha aí a relação entre eles. Mas como materializar esse pensamento?

4.1 O PERCURSO POÉTICO

É no espelho que encontro algumas respostas, embora abertas nesse processo de (re)significar. Quantas memórias, quantas histórias até encontrar-me com o espelho. Um encontro comigo mesma, nesse ir e vir de muitos erros e acertos.

A obra é composta por um espelho de 1,50m x 40cm, onde podemos nos recordar de toda a nossa história e podemos ver um futuro, mesmo que incerto, mas podemos por um breve momento, escolher nosso futuro, na relação observador-reflexo. Penso que, muitas vezes quando as pessoas olham no espelho, enxergam o

que querem e não o que realmente são. À, espelho, espelho meu... Será o reflexo mais real, do que a própria realidade? O espelho reflete a realidade, mas nem sempre nossa mente deixa que enxerguemos a realidade através dele. Segundo Canton (2001, p.68):

[...]se ela se mantém como uma forma de reivindicar identidade, seu foco está na produção de um estranhamento, uma sensação de incômodo – aquela remanescente à sensação de se olhar no espelho e não se reconhecer. Essas emoções estão ligadas à situação do ser humano contemporâneo, inserido numa sociedade de informação eletrônica e virtual, pressionado pela mídia, sufocado pelas imposições velozes do tempo e espaço que se configuram na realidade cotidiana das cidades.

No centro do espelho terá o bumerangue ou cata-vento (imagem15), com aproximadamente 30cm de diâmetro, já os vejo como um só, que me remetem ao ir e vir das memórias, das lembranças, da identidade. Pois cada indivíduo constrói seu caráter, e o que ele deixa no passado, remete no seu futuro. Você está disposto a viajar nas suas lembranças?

Imagem 15 – Bumerangue



Fonte: Acervo da pesquisadora

A obra Reflexo (imagem 16), vai fazer com que você possa viajar para suas memórias e possa através dela, recordar sua essência.

Imagem 16 – Reflexo (2018)



Fonte: Acervo da pesquisadora

Materiais: Espelho 1,50mx0,40cm, madeira compensada e aço.

A obra intitulada: “Reflexo”, é a representação das relações, arte, tempo e memória, em que ambos se dispõem através do espelho e bumerangue ou cata-vento. O intuito é fazer com que o observador, veja além de seu reflexo no espelho. Que ele possa viajar pelo seu passado, presente e futuro, no intuito de ver além, não ver a penas o que está refletido, mais ver o seu interior.

Você está disposto a travessar o espelho, e descobrir o que tem atrás dele?

5 CONCLUSÃO

Ao iniciar o Trabalho de Conclusão de Curso, me questioneei, se seria possível alcançar meus objetivos e assim realizar o meu objeto artístico com base no tempo e memória.

Sabia que o caminho não seria fácil, pois estaria voltando ao curso depois de 4 anos afastada. E realmente não foi fácil chegar até aqui, com menos de 3 meses para realizar a pesquisa, e com várias dificuldades, entre elas o tempo, o processo da escrita, as memórias que mexeram comigo. Incluo aqui a dificuldade de encontrar um material que dialogasse com esse pensamento poético e estético que vai me constituindo artista. Como reorganizar tanta coisa em uma peça que busque no outro esse pensamento movente que a arte instiga? Como responder a questão que moveu esta pesquisa? De um cata-vento ao bumerangue: Quais as possibilidades de materializar artisticamente o tempo e a memória de uma artista em construção?

Quero o espelho de Alice. Quero sim. Quero-o para mim. Quero-o como algo que possibilite ultrapassar, percorrer, ir e vir. Quero buscar lá nas minhas memórias a potência dessa artista em construção que deixou o curso de artes por um tempo e que retorno como quem quer concluí-lo, pela importância desse processo. Há um círculo que precisa ser concluído. O espelho de Alice me ajudou. Me fez ver o possível no caminho do impossível, no caminho em que inventar, criar, poetizar é necessário.

Que possamos olhar para o espelho. Falar com nossas memórias. Entender esse diálogo com algo que nos permite ser quem somos.

Quero o espelho de Alice. E você? Já se olhou no espelho hoje?

Na obra “Reflexo”, faço esse convite provocado pelo processo metafórico em torno do bumerangue que surge a partir de um cata-vento de memórias: quem somos? Quais as voltas que nossa vida fez? Quais as voltas que propomos dar? Solte seu bumerangue, deixe que ele vá e volte, amplie suas experiências.

A pesquisa pode não ter trazido muitas respostas. Talvez tenha evidenciado mais perguntas do que respostas. Mas é nesse processo de artista em construção que afirmo a retomada desta caminhada, desse processo que eu havia deixado para depois, o depois é agora.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude o outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 480 p.
- CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CANTON, Katia. **Espelho de artista**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAVALCANTI Luciano Marcos Dias. **Música e poesia em Manuel Bandeira**. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art3.pdf>. Acesso em: 29 outubro 2018.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea**. Recife: Massangana, 2006.
- CRISPOLTI, Enrico. **Como estudar a arte contemporânea**. Lisboa: Estampa, 2004.
- DANTAS, Fabiana Santos. **Direito fundamental à memória**. Curitiba: Juruá, 2010 de Educação, 2000.
- FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FERNADES, Renata Sieiro, PARK, Margareth Brandini. **Lembrar-esquecer: trabalhando com as memórias infantis**. Cadernos Cedes/Centro de Estudos Educação Sociedade– vol. 1, n. 1 (1980) – São Paulo: Cortez; Campinas, Cedes, 2006.
- GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da arte**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Revan. 2003. 136 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Trad. Maria Helena N. Garcez. São

Paulo: Martins Fontes, 1997, p 11- 157.

QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 2009

APÊNDICE(S)